

Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro

INTRODUÇÃO: OS FIOS CONDUTORES DE UMA PESQUISA

Uma chamada de teor apelativo difundida no jornal¹ de maior circulação em Fortaleza² funciona como espécie de antítese do ideal de preservação urbana. A foto colorida que serve de ilustração à matéria mostra o visual de uma ponte metálica, ícone do bairro Praia de Iracema, na forma de cartão-postal, trazendo como epígrafe os seguintes dizeres: «Adote a Praia de Iracema antes que um traficante o faça.»

A advertência faz sentido nas circunstâncias em que o local é alvo de restrições, sendo apontado, tanto pela imprensa quanto por moradores, como lugar de circulação/consumo de drogas e proliferação de prostituição. A matéria apresenta o mal-estar por parte dos moradores e amigos diante da «degradação em consequência da invasão da prostituição e drogas». Segundo a mesma reportagem, o drama vivenciado pelo bairro é motivo de grande preocupação, na medida em que a Praia de Iracema é «algo raro em uma cidade de pouca memória como Fortaleza: aloja elementos culturais, históricos e sentimentais que contribuem para a identidade da cidade».

Além das informações veiculadas em jornais, a rádio AM do Povo, de ampla penetração na cidade de Fortaleza, promove reunião de profissionais do urbanismo, secretários municipais e políticos, com vistas a discutir os destinos do bairro. Outras ações, explicitadas em rituais de protesto e rememoração da história do local, visam chamar a atenção para a necessidade de conter a «alteração desordenada» das práticas constantes existentes no local: excesso

* Universidade Federal do Ceará — UFC.

¹ Jornal *O Povo*, 20 de Junho de 2003, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha.

² Capital do estado do Ceará, situada no Nordeste do Brasil.

de sons, visitantes e trânsito. Apresentações artísticas funcionam, nesse momento, como espécies de afirmação de uma *identidade em risco*.

Na realidade, essa situação polêmica é reveladora de processos sociais mais amplos que dizem respeito não só ao bairro e à cidade onde está situado, mas também às características de zonas urbanas de metrópoles contemporâneas. O bairro Praia de Iracema pode ser visto como exemplo paradigmático das disputas simbólicas que acontecem em função de concepções e usos do espaço, bem como das questões postas no domínio do patrimônio.

Pretendo, neste artigo, abordar principalmente a disputa simbólica estabelecida em torno do binômio «preservação *versus* deterioração», considerando os investimentos que visam à «preservação do patrimônio», acompanhados de conflitos que permeiam o uso efetivo dos espaços por diferentes atores sociais no bairro Praia de Iracema.

Os fios analíticos de inspiração da pesquisa³ sobre os usos, as narrativas da cidade e os conflitos simbólicos tiveram como fonte inicial de referência a cidade de Fortaleza, capital do Ceará, situada no Nordeste do Brasil. A pergunta básica que iluminava a pesquisa referia-se à busca das diferentes conexões estabelecidas entre a cidade e o seu passado. As investigações consideraram o caráter circunstancial dos discursos oriundos de vários momentos e portavozes: a cidade pensada pelos romancistas, historiadores, políticos e profissionais do planejamento urbano. Posteriormente, as investigações centraram-se nos conflitos pelo uso do espaço, envolvendo agentes sociais e discursos sobre os modos de narrar e viver a cidade.

O presente artigo segue roteiro de análise, tendo em vista uma exposição mais sistemática das idéias. Parte inicialmente de uma articulação entre o domínio da sociologia urbana e o que poderia ser designado por uma *sociologia dos bairros*, enfatizando, de modo rápido, os conceitos de uso e narrativa. O segundo eixo de análise expõe algumas características do bairro Praia de Iracema, abordando também as políticas de patrimônio em Fortaleza. Posteriormente, as reflexões encaminham-se para os conflitos simbólicos presentes em discursos veiculados por moradores e interlocutores da problemática vivenciada no bairro.

³ A pesquisa, financiada pelo CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), que tem o título «Política, imagens e representações no contexto urbano», antecede e dá subsídio teórico-metodológico ao presente artigo. Trata-se de investigação mais abrangente que teve como referência o registro de outras cidades. Em Berlim, por exemplo, explorei o tema das narrativas urbanas, atentando para os catálogos e guias turísticos como roteiros e ritos de apresentação da cidade. Na experiência de pesquisa em Lyon observei, junto com turistas, os roteiros de visita da cidade, verificando as políticas de motivação de uso e produção de conhecimento do espaço por visitantes e habitantes dali. A pesquisa em Fortaleza priorizou as narrativas associadas ao uso da capital cearense. O material empírico é composto de entrevistas, notícias de jornais e observação feita pela autora e alunos do programa de iniciação científica CNPq/UFC.

SOCIOLOGIA URBANA E SOCIOLOGIA DOS BAIRROS

No âmbito dos estudos urbanos brasileiros existe uma tradição sociológica que enfocou a cidade baseando-se na tônica das desigualdades, dos conflitos de classe e das promessas não realizadas da modernidade.

As temáticas urbanas alusivas ao dualismo e à segregação no Brasil priorizaram as diferenças entre espaços, materializadas, em grande parte, na distinção entre centro e periferia, sob o prisma regional e interno a cada urbe. As metrópoles revelaram-se em dimensões marcantes: espaço de atração e concentração de população e *locus* de produção e distribuição de bens de consumo. Incorporaram também os dilemas do campo: os *sem-terra* transformados na cidade em *sem-teto*.

Em uma outra perspectiva de abordagem, a sociologia urbana se destacou em estudos que analisaram a cidade como dimensão potencial de conquista de direitos. Os movimentos sociais foram os principais protagonistas das demandas por cidadania, contribuindo para a politização das carências urbanas, transformadas em reivindicações geralmente dirigidas ao Estado (Barreira, 1992; Scherer-Warren, 1993; Gohn, 1995). As metrópoles do mundo moderno serviram também de inspiração à perspectiva sociológica atenta, entre outras possibilidades, aos processos de anonimato, conflito, desigualdade e exclusão social (Simmel, 1986; Harvey, 1993; Bauman, 1998).

Perspectivas históricas mais amplas e recentes, designadas por «globalização», trouxeram outros referentes para pensar as cidades. Situações de homogeneidade e heterogeneidade foram retomadas sob o ângulo das dinâmicas culturais cidadinas, marcadas pela permanente busca de valorização das identidades locais (Canclini, 1997 e 1998). No quadro das interações multiculturais, o turismo entrou como variável importante de observação de uma produção ativa de lugares, competindo na busca de qualidades especiais e no esforço de formar uma imagem distintiva das cidades. O culto ao «diferente» e ao «exótico» foi priorizado em análises voltadas para a constituição de narrativas e paisagens urbanas (Fortuna, 1999).

Os enfoques sobre as novas formas de segregação espacial, não restritas ao tema das desigualdades econômicas, ressurgem ao lado de uma visão sobre os conflitos ligados a situações complexas de multiculturalismo, lutas simbólicas alimentadas na contenda entre lugares e memórias. A cidade cosmopolita, como palco de inúmeras intervenções urbanas, promoveu uma reflexão sobre os temas do patrimônio cultural, incluindo a delimitação e uso dos espaços. Classificações e sentidos elaborados no cotidiano de práticas de atores sociais: moradores, comerciantes, visitantes, etc.

Não obstante a vigência de processos globais, atuando como pano de fundo no âmbito dos registros sociológicos da cidade, torna-se importante retomar o contexto das práticas cotidianas reveladoras de sentidos e proces-

sos cidadãos. Trata-se de pensar as dinâmicas estruturais mais abrangentes mediante o que poderia ser designado de «sociologia dos bairros», entendendo que, a partir de espaços microssociais, é possível examinar perspectivas globais da cidade. O bairro, como lugar expressivo de práticas sociais, permite ultrapassar a lógica linear de certas generalizações, atentando para situações mais densas e contraditórias vivenciadas no cotidiano da cidade. Cotidiano permeado de ações insurgentes, rotinas e modos de apreender a cidade, nem sempre cabíveis nos modelos convencionais de observação da realidade (Machado Pais, 2002).

Os pressupostos das reflexões contidas neste artigo partem inicialmente da compreensão da cidade em sua feição dinâmica e plural — resultado de investimentos, usos diferenciados do espaço e disputas simbólicas mediadas por discursos ou narrativas⁴. Em oposição à cidade como entidade substantiva e unitária, normalmente próxima das representações identitárias que sustentam estereótipos, considero importante incorporar usos e imagens que fazem dela seus habitantes.

Para além de um ideal de unidade, a cidade representa a conjunção de sociabilidades. O risco de essencialização ou substantivação do espaço urbano existe quando pensamos a metrópole de modo estático e uniforme, senso contrário à sua dimensão plástica moldada por práticas e interações — projeção no espaço das relações sociais, tal como pensou Lefebvre em inúmeras de suas reflexões sobre a perspectiva de comunicação dos habitantes das metrópoles modernas.

A idéia de uso inspira-se nas formulações de Certeau (1994), servindo para pensar a característica diversificada do consumo urbano, para além das classificações hegemônicas. O próprio viver na cidade é sinalizador de que o espaço é dotado de uma variabilidade de práticas sociais ou *usanças*, na terminologia de Certeau, expressivas da dimensão criativa e relacional do uso do espaço cidadão.

Na realidade, o uso dos espaços urbanos não se separa de processos, conflitos e intervenções políticas nos quais se percebe a emergência de atores no fluxo das mais diferentes interações. A cidade, nesse sentido, é múltipla, não obstante sua capacidade de «se impor» a seus moradores e visitantes, constituindo-se em uma espécie de unidade imaginária — identidade a partir da qual cada aglomerado urbano pretende afirmar sua marca distintiva.

Reflexões sobre a vida urbana contemporânea supõem, entre outras abordagens, uma observação que capte os investimentos políticos para dar forma à cidade, articulados às disputas simbólicas pelo uso e apropriação dos espaços.

⁴ Estou designando por narrativa o conjunto de discursos, imagens e representações que visam a apresentar a cidade e situá-la no tempo. São imagens construídas com base em estereótipos, imagens para turistas e imagens de propaganda que são mais ou menos incorporadas por moradores.

A cidade como totalidade e suas materialidades plurais trazem referentes importantes tanto para se pensar na expansão comum às metrópoles como nos territórios específicos oriundos de cada localidade urbana. Em tal perspectiva, as cidades, assim como os bairros, trazem as marcas de seus atores, o fluxo das interações descontínuas e das sociabilidades conflitivas (Simmel, 1986).

Na articulação entre discursos e intervenções urbanas, é possível concluir também que as narrativas não são meras percepções imaginárias, porque elas também «fazem a cidade», sendo inseparáveis de processos políticos. Deduz-se, por conseguinte, que as narrativas integram a constituição histórica das cidades, sinalizando momentos ou conjunturas. Situações permeadas por conflitos (disputas contingentes pelo uso e definição do espaço), momentos de redefinição de políticas de habitação (*requalificação* e defesa do patrimônio) ou cenários de campanha eleitoral (promessas de uma cidade melhor), que incidem sobre a construção de uma comunidade imaginada (Anderson, 1983).

Na medida em que a instituição do patrimônio emerge na direção da visibilidade turística, a narrativa da cidade torna o «passado» a ser apresentado objeto de recriação e inventividade. Novas funções para velhos equipamentos e controle sobre «usos indevidos» configuram parte significativa das políticas e dos investimentos culturais e comerciais. Nunca é de mais lembrar que as narrativas da cidade são também narrativas para o consumo.

A perspectiva analítica que incorpora os usos da cidade e as narrativas leva em consideração as representações sociais, os investimentos urbanos e os enfrentamentos simbólicos nos quais sobressaem categorias profissionais (arquitetos, intelectuais e políticos) e outros atores consumidores do espaço, assim como moradores, turistas ou frequentadores habituais. Os usos do espaço urbano não estão separados de narrativas, na medida em que alimentam práticas que contribuem para informar a imagem do local.

Uma sociologia *dos bairros* supõe uma sociologia *nos bairros*, sinalizando para a multiplicidade de usos e apresentações de identidade não redutíveis a uma expressão unitária. A imagem homogênea que as narrativas do consumo turístico pretendem evocar (o bairro típico) esconde os usos «ilegítimos» do espaço que precisam ser recuperados pelo observador, pois fazem parte das disputas pela classificação e reconhecimento de atores sociais. Enfim, as representações do bairro como síntese e como diversidade respondem ao fluxo histórico das práticas sociais, conforme será visto no embate simbólico entre usuários da Praia de Iracema nas argumentações que se seguem.

CENÁRIOS DA PRAIA DE IRACEMA

Conhecida no passado como Praia do Peixe, a Praia de Iracema emergiu na década de 1920 como balneário de classes média e alta da cidade, inaugurando uma alternativa de lazer e moradia. Posteriormente, as obras do

porto do Mucuripe e a destruição de casas, pelo avanço do mar, provocaram mudança nas funções do bairro, cada vez menos caracterizado como zona de moradia. Nas décadas de 1950 e 1960, o espaço litorâneo passou a reunir frequentadores que emprestaram ao bairro uma espécie de identidade, transformando-o em lugar de boêmios, artistas e intelectuais. A saga da boêmia teve também diferentes designações, passando pela «boêmia seresteira», «boêmia intelectualizada» e outras categorias de frequentadores que contribuíram para a percepção do lugar como reduto de uma contestação de costumes e práticas culturais alternativas (Schramm, 2002)). Lá, músicos conhecidos, como «Pessoal do Ceará», jornalistas e militantes de esquerda faziam sua incursão boêmia, reunindo segmentos provenientes de classes sociais diferentes, porém unidas no sentido de uma espécie de comunidade de vivências e interesses⁵. Os grupos de contestação de uma esquerda mais convencional conviviam no mesmo espaço da chamada «culturalha»⁶, em situações nas quais a bebida arrefecia as contradições entre o ócio e a militância: «Deixava-se a vida por menos.»

Obras reconstruídas e tombadas na década de 1990, a exemplo da reforma do Cassino Estoril, edificação erguida à época da segunda guerra e alçada à categoria de patrimônio, a criação do calçadão que margeia a orla, alargando a visibilidade do mar, e a reforma da Ponte dos Ingleses, deram novo perfil estético ao bairro⁷. Paralelamente ao surgimento de bares e restaurantes, seguem-se investimentos mais arrojados que se conjugam com a idéia de consolidar o bairro como local turístico, apresentando-o como parte da história da cidade com opções diversificadas de lazer. A ênfase no local como parte do roteiro turístico desconsidera, no entanto, a superposição de tempos. O passado como cartão de visita congela-se na cena que se apresenta ao turista:

Depois de uma refrescante água-de-coco e mais algumas centenas de passos, surge a Praia de Iracema, carinhosamente chamada de «Praia dos

⁵ A exposição de fotografias na sala de entrada do restaurante Estoril, símbolo mais forte do bairro, apresenta personagens de momentos históricos diferentes, oferecendo ao visitante o sentido do tempo. São fotos da época da segunda guerra e fotos do tempo da boêmia.

⁶ Termo que englobava, à época, compositores, intérpretes e amantes da música, jornalistas e intelectuais de esquerda.

⁷ O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, a Ponte dos Ingleses e o restaurante Estoril tornaram-se espécies de ícones da cidade, atraindo múltiplas funções: bares, galerias de arte e artesanato. Erguida em 1923, a Ponte dos Ingleses foi mantida abandonada por muitos anos, sendo, na década de 1990, recuperada como local de visitação acrescida de novos investimentos: loja de observação de cetáceos, quiosques, memorial com fotos sobre a história da construção da ponte e espaço de visitação, para observação da Lua e do pôr do Sol. Durante algum tempo, a Ponte dos Ingleses teve frequência significativa de jovens, turistas e moradores da cidade. Mais recentemente, denúncias sobre a falta de iluminação pública, deterioração de equipamentos e frequência considerada «perigosa» transformaram o local em exemplo de *degradação*.

Amores», cercada de bares e restaurantes por todos os lados. É obrigatória uma passagem pela Ponte dos Ingleses, mais conhecida como Ponte Metálica, de onde se pode observar um magnífico pôr-do-sol e se encantar com a dança dos golfinhos, que aparecem nos finais de tarde e no início das manhãs⁸.

Outras evocações feitas ao turista, convidado a um «passeio pela história da cidade», reforçam a condição do bairro como lugar especial: «[...] Terminamos na praia do Peixe, que era o ponto de venda de pescado e reduto da boêmia e intelectualidade de Fortaleza, transformada com o espigão e calçadão e conseqüente urbanização da Praia de Iracema» (jornal *O Povo*, 29-8-1995). A narrativa enfatizando «o que era», em oposição «ao que é», sinaliza o contraste entre passado e presente. Na condição de exemplo das transformações marcantes típicas da urbanização de metrópoles, a Praia de Iracema aparece como o modelo negativo da perda de identidade e incapacidade de contraposição à lógica dos investimentos comerciais.

Ao longo de sua história, a dimensão de liminaridade do bairro parece recorrente (Turner, 1964). A moradia e o lazer, o noturno e o diurno, o passado demonstrado nas edificações corroídas e as ameaças recentes de novos investimentos comerciais pairavam como alerta à tranquilidade dos moradores. Os permanentes e os temporários enfrentavam-se no cotidiano das rotinas dissonantes. Se a boêmia é hoje evocada como sinalizadora dos «bons tempos», é porque os novos visitantes suscitam outras dimensões de liminaridade. É importante lembrar, no entanto, que a boêmia, à época, não mantinha o mesmo prestígio de hoje, sendo também alvo de suspeitas de antigos moradores. Agora que se tornou parte da *memória* integrou-se à paisagem imaginária da versão bucólica do bairro.

As situações vivenciadas no local permitem distinguir alguns momentos. O primeiro antecede às reformas urbanas, sendo o bairro percebido como espaço alternativo de lazer e moradia. O segundo momento caracteriza-se pela recuperação de edificações, construções de novos bares e instituição de patrimônios. O bairro passa a sediar restaurantes, galerias de arte e lojas de artesanato com presença acentuada de classe média e turistas, configurando-se como zona típica da cidade. A situação posterior, apresentada como sintoma da deterioração, destaca-se pela diminuição da presença da classe média concomitante ao fechamento de bares, restaurantes e galerias de arte.

São essas mudanças rápidas que promovem representações diversas e conflitos sobre os usos do espaço, conforme será analisado a seguir.

⁸ Texto de Paulo F. Cunha, consulta feita à Internet em 16-5-2005 no *site* <http://www.revistadoseventos.com.br>, reportagem intitulada «Fortaleza: beleza, hospitalidade e eventos».

REPRESENTAÇÕES SOBRE UM BAIRRO: O UNIVERSO DAS POLÊMICAS

Foi mediante a expressão *requalificação urbana* que se destacaram ações, pronunciamentos e denúncias, visando a recuperar a credibilidade da Praia de Iracema⁹. O bairro torna-se, com efeito, objeto de classificações negativas, que enfatizam a «degradação» e «exploração indevida» de espaços de lazer e moradia. Solicitam-se providências dos poderes públicos, ao lado de declarações de habitantes do bairro, pronunciamentos de entidades políticas representativas e associações de moradores, incluindo também opiniões dos gestores e profissionais urbanistas.

Alguns discursos referentes ao que é designado por «deterioração» apresentam-se relevantes no contexto das versões sobre os usos do espaço do bairro litorâneo. Uma enquete realizada pelo jornal *O Povo* indaga sobre o porquê da «deterioração da Praia de Iracema», obtendo alguns depoimentos que merecem ser registrados no âmbito das discussões presentes neste artigo:

A Praia de Iracema resulta de uma guerra vulgar movida contra as pessoas, a paisagem e o sossego de uma comunidade ingênua em nome da cultura, do turismo e da redenção cidadã. A mídia fez sua parte, decisiva foi a omissão de um poder público pequeno e autoritário que tudo apostou na forma mais crassa de mercantilismo: o turismo socialmente corrosivo, sem lei, que cassa o silêncio, dana a paisagem, agride e avilta as pessoas ao vender Fortaleza, *world wide*, como um ensolarado cabaré de meninas. Nossa vocação? [Hélio Rôla, médico, artista plástico, professor universitário e ex-morador].

A responsabilidade é das autoridades governamentais e diria, um pouco, da sociedade, por não focarem o mesmo objetivo: cultivar a nossa cultura tão esquecida. A situação da praia de Iracema é patética. Os empresários que investem de maneira correta, inclusive em capacitação de funcionários, estão fechando as portas. A praia de Iracema acabou. A proposta da Secretaria de Cultura do Estado é importante, e espero que tenha continuidade [Socorro Abreu, presidente da Associação Brasileira de Bacharéis em Turismo-CE].

É simples e antigo: concentrar atividades, polarizar o uso, eliminar a permanência, desrespeitar o espaço físico original e ignorar o cidadão e

⁹ A dimensão mitológica do bairro, também evocadora do *mito das origens* da cidade, remete ao encontro da índia Iracema com o colonizador português Martim Soares Moreno, personagens presentes no romance *Iracema*, de José de Alencar.

a memória, tudo sob a complacência e a negligência do poder público. Acrescenta-se a sujeição do outrora bucólico bairro à uma espécie de laboratório do turismo noturno e predatório. Esta é a fórmula de como exaurir o espaço urbano com reflexo imediato na implosão do próprio modelo. As ameaças ao bairro continuam sob a forma do grande dragão branco caminhando para o mar... bem ali ao lado. É como se a crônica da morte anunciada fosse sempre inédita [Marcus Lima, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, IAB-CE].

Antes de mais nada, não diria que a Praia de Iracema está «deteriorada» porque isto sugere um fato consumado. Ora, se eu venho lutando pela Praia, que conheço desde menina, é porque acredito que esta situação é transitória e possível de se reverter. Tudo que se faz, que se constrói precisa ser mantido e zelado. A Praia de Iracema saiu das prioridades dos órgãos públicos, fornecendo o abandono do calçadão, dando lugar a moradia de *hippies*¹⁰, a instalação de ambulantes e a proliferação de casas com atividades suspeitas, afugentando assim a grande maioria dos frequentadores [Ignez Fiúza, proprietária de galeria de arte no bairro].

Não obstante a diversidade de opiniões, percebe-se a presença do mal-estar produzido pelo ritmo de ocupação dos espaços, potencializado, sem dúvida, pelos meios de comunicação de massa, que interferem na geração e difusão do problema. Chama a atenção, nessa circunstância de liminaridade, a evocação à «cultura» como elemento de controle e dignidade do bairro. As galerias de arte, as exposições e museus são o testemunho da memória contra outras práticas consideradas sintomáticas da deterioração.

Foi no sentido de destacar os elementos culturais típicos do bairro que se ergeu parte dos discursos demandando uma política de intervenção que incorporava diferentes atores sociais: vereadores, moradores, comerciantes e entidades locais. No contexto das discussões sobre os rumos da Praia de Iracema, uma moradora que exerce a função de líder pronuncia-se de forma veemente a respeito das transformações a que assiste no local: «moro aqui há 55 anos. A Praia de Iracema mudou muito com a chegada da prostituição, assunto que estamos debatendo há cinco anos. Estamos pedindo nosso espaço de volta» (Francisca dos Santos, presidente da Associação de Moradores da Praia de Iracema, reportagem publicada no jornal *O Povo*, 5-7-2003).

Em momento posterior, a entrevistada reitera sua opinião: «Este bairro sempre foi considerado boêmio. Antigamente não se via prostitutas, agora se

¹⁰ Uma discussão sobre a idéia de liminaridade na perspectiva da oposição centro e margem na cidade de Lisboa encontra-se em Costa (2000), «Centros e margens: produtos e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa».

vê. As meninas não são daqui, da Praia de Iracema. No bairro vieram várias pessoas de fora e a associação quer saber o que atrai essas pessoas para cá. A prostituição quando vem não é sozinha, ela traz as drogas e outras coisas ruins» (entrevista concedida à autora em 10-12-2003).

Matérias outras difundidas no jornal *O Povo* no período de Junho de 2003 a Junho de 2004 fazem alusão ao tempo liminar de transição entre o lugar bucólico, a zona de moradia e o espaço de lazer que atrai visitantes e altera a sonoridade. O «Pirata»¹¹, bar conhecido por acolher a «segunda feira mais movimentada do mundo», é apontado por moradores como uma espécie de materialização dos problemas referentes ao barulho e à prostituição. Além de pronunciamentos indignados, tentativas de organização de comerciantes prejudicados pelo abandono da área pela classe média e ações de natureza ritual, a exemplo de uma procissão de velas realizada no local, caracterizam iniciativas, nem sempre bem sucedidas, de dar visibilidade ao movimento. Um repertório de atividades organizadas pelo projeto «Iracema de todas as tribos» ocorreu em uma das praças da orla marítima, com participação de músicos e artistas cearenses como parte do movimento de «recuperação» do bairro.

O projeto «Iracema de todas as tribos» emergiu na tentativa de *requalificar* a área, promovendo ações que deveriam trazer de volta a credibilidade anterior do bairro. Atividades culturais típicas da cidade são apresentadas com a finalidade¹² de evocar identidades: danças, ritos carnavalescos (maracatu), corais, bandas de música, quadrilhas e teatros. A esse respeito é importante registrar a declaração da porta-voz do projeto:

A Praia de Iracema continua bela dos pontos de vista urbanístico e natural. O que vem se deteriorando ao longo do tempo são as relações de certos freqüentadores e empresários com aquele espaço. O público que antes morava, trabalhava ou freqüentava a Praia de Iracema afastou-se, à medida que avançou um processo de crescimento rápido e desordenado rumo à indústria do entretenimento, sem a devida preservação dos bens culturais materiais e imateriais. Era o que a Praia de Iracema oferecia de mais precioso [Eliza Günther, coordenadora do projeto «Iracema de todas as tribos»].

A idéia do investimento turístico «sem controle» fundamentou as versões críticas sobre a expansão de bares e comércio na Praia de Iracema. Dois

¹¹ O forró do Pirata é assim anunciado em um folheto de propaganda: «Há 16 anos a Praia de Iracema faz a segunda feira mais louca do mundo, onde uma multidão dança ao som dos ritmos populares do nordeste.»

¹² As programações previam um cortejo terminando com *show* de cantores cearenses. Segundo a Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social (SSPDS), «a idéia é fazer várias ações de cultura para chamar de volta o freqüentador da Praia de Iracema» (pesquisa realizada em 15 de Junho de 2005 no *site* o povo nolhar.com, reportagem intitulada «Praia de Iracema, projeto quer de volta antigos freqüentadores»).

referentes passaram então a instituir o discurso alusivo ao bairro: a necessidade de *controle* e a chamada *requalificação*.

Enquanto a idéia de controle se referia a denúncias de prostituição, drogas, «abandono dos poderes públicos» e autorização para funcionamento dos bares sem alvará, o princípio da *requalificação* incluía a preservação de hotéis, equipamentos, galerias de arte e criação de centros de evento e cultura. Estes evitariam a *deterioração* de natureza física e também moral de espaços considerados decadentes.

As polêmicas sobre a imagem do bairro e a demanda dirigida aos poderes públicos não ficaram restritas aos jornais. Moradores e comerciantes mudaram-se da Praia de Iracema, fazendo algumas vezes de seu ato uma forma de protesto¹³. Atualmente ressurgem mais fortemente a demanda aos poderes públicos acompanhada de mobilizações pela defesa do bairro. A idéia da necessária instituição de novos rumos para a cidade é também partilhada por intelectuais que advogam a importância da preservação do patrimônio histórico.

Se os conflitos entre moradores, turistas e freqüentadores considerados marginais, como prostitutas e consumidores de drogas, caracterizam a disputa pelo espaço na Praia de Iracema, pesquisa sobre áreas vizinhas ao Centro Dragão do Mar¹⁴ mostra também a existência de situações semelhantes, dotadas, no entanto, de especificidades. No Centro Dragão do Mar, projetado para acolher diferentes segmentos sociais, moradores de favela vizinha, Poço da Draga, reivindicam participação e benefício.

Debates sobre a edificação de um centro cultural ou centro de lazer refletem também sentidos antagônicos atribuídos ao espaço urbano. A própria idéia de construção de centros de lazer e cultura como expressões do patrimônio aciona questionamentos do seguinte teor: eles não deveriam ser estendidos a todos os espaços? Os centros também não criam uma periferia?

A discussão dessa problemática remete ao tema do patrimônio, inseparável dos investimentos políticos e das apropriações diferenciadas do espaço urbano.

POLÍTICAS DO PATRIMÔNIO EM FORTALEZA

Modificações mais recentes feitas no bairro Praia de Iracema respondem, de fato, a processos urbanos mais amplos baseados na articulação, nem

¹³ O artista, morador há décadas na localidade, Hélio Rola mudou-se da Praia de Iracema após inúmeras tentativas de conter o barulho provocado pela chegada gradativa dos bares. A mudança ocorreu após demandas inúteis dirigidas aos órgãos públicos e inúmeras denúncias veiculadas na imprensa. Outros comerciantes, incluindo a proprietária de galeria de arte Ignez Fiúza, realizam movimentos semelhantes, emprestando também a seus atos o caráter de um protesto.

¹⁴ V., a esse respeito, Linda Maria Pontes Gondim, «Desenho urbano e imaginário sócio-espacial da cidade: a produção de imagens da 'moderna' Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura», relatório submetido à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Fortaleza, FUNCAP, 2000.

sempre possível, entre investimentos imobiliários e política de valorização de equipamentos e espaços históricos. A reforma do centro da cidade de Fortaleza em 1990 e a posterior tentativa de preservação e valorização de espaços e edificações, denominada *revitalização*, constituem exemplos de propostas de intervenção urbana.

Importa ressaltar que, concomitante à busca da denominada *revitalização* do centro, a zona litorânea, incluindo a Praia de Iracema, vai representar a pretensão já histórica de ligação entre cidade e praia com a primazia mais intensa do mar (Linhares, 1992). O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura e a Praia de Iracema são sintomáticos desse movimento empreendedor, articulando recursos municipais e estaduais mediante uma política urbana baseada na modernização da cidade, por intermédio do binômio lazer e cultura (Gondim, 2000). Trata-se de uma estratégia de investimento que prevê a dinamização do centro da cidade, a recuperação de museus, a reforma de monumentos históricos, edificações, incluindo restaurações que integram a política de patrimônio do governo do Estado, sob liderança, na década de 1990, de Tasso Jereissati, do Partido da Social-Democracia Brasileira. A intervenção política segue, de algum modo, os sinais modernos de um tempo de expansão da cidade.

Desde a década de 1970, Fortaleza experimenta um movimento progressivo de emergência de espigões e descentralização de atividades de comércio e de lazer. Esta tendência é acentuada nas décadas de 1980 e 1990, ocasião em que Fortaleza consolida sua condição de metrópole com «vocaçãõ para o turismo». A capital hoje possui grande densidade populacional, mais de 2 milhões de habitantes, e riqueza concentrada nos setores comercial e turístico. Este último representa uma das maiores fontes geradoras de renda, sendo espaço de investimentos públicos de ordem municipal e estadual.

De fato, na década de 1990, a Praia de Iracema tornou-se palco de intervenções urbanas governamentais, associadas ao capital privado interessado no incremento de «tradições históricas e culturais». A antiga zona de lazer e moradia passou a ser um espaço reformado, ou um lugar, na perspectiva de Marc Augé (1994), a partir do qual era possível apresentar e narrar a cidade. A construção do típico passa então a integrar o processo de valorização da história da cidade, reafirmando a condição do bairro como cartão-postal.

As modificações recentes de Fortaleza observadas na verticalização de moradias, na redefinição da orla marítima e na instituição de lugares de preservação promoveram, no âmbito das mudanças, discursos caracterizados pelo modo peculiar de relacionar passado e presente. Nesse momento despontavam críticas à *desfiguração do espaço urbano*, ao lado da procura pela recomposição da «história» da cidade, através de uma política de preservação de bens e equipamentos considerados como patrimônio.

A «recuperação» do centro, a reforma dos antigos prédios e a redefinição de áreas de lazer, ao lado de outras práticas de intervenção no contexto

urbano designadas por requalificação, respondem ao movimento de *gentrificação*, presente na maior parte das metrópoles contemporâneas.

Se Fortaleza pode ser situada como histórica em sua origem, modificada ao longo do tempo por meio de projetos compatíveis com a chamada modernidade, conforme a classificação das cidades de inspiração weberiana feita por Freitag (2003), é necessário pensar sobre os elementos definidores dessa historicidade. Em primeiro lugar, é importante destacar alguns pontos de diferenciação entre Fortaleza e outras capitais do Nordeste do Brasil. Entre elas, Fortaleza talvez seja a que menos ostenta o passado em suas edificações.

Analisando-se a trajetória urbana da capital cearense na virada do século XIX, observa-se que a crença no progresso parece subsidiar as estratégias reguladoras da intervenção urbana. As reformas urbanas alinhavam-se a outras similares produzidas na Europa, a exemplo de estilos arquitetônicos baseados no discurso do progresso e da modernidade, que se tornou também hegemônico nas formulações da oligarquia cearense Accioly, desejosa de ampliar suas bases de aceitação (Barros da Ponte, 1990).

Conhecida como metrópole moderna, nos seus 280 anos de existência, Fortaleza mantém no senso comum e nas representações acadêmicas a imagem da cidade que «nega» ou «rejeita» as tradições — «a cidade sem memória»¹⁵. Ao contrário, por exemplo, de Salvador, Recife e São Luís, que trazem as marcas de um passado colonial, a capital cearense impõe-se como espécie de cidade em constante transição, dotada de um *vir-a-ser*. A Praia do Futuro, um dos ambientes mais freqüentados pela população local e turistas, que se tornou um dos marcos do lazer cearense, ou o bairro denominado Cidade 2000, oriundo da década de 1970, como sonho da moradia popular, são exemplos reveladores de busca de referentes no tempo vindouro. O próprio bairro Praia de Iracema surge como um espaço de novidade, balneário substituto da imagem do bairro como lugar tradicional de pescadores.

Não tanto futurista como Brasília, ou saudosista como inúmeras cidades históricas, Fortaleza expressa liames complexos no uso e apropriação dos espaços urbanos, apresentando conflitos originados de uma condição de metrópole que cresce, trazendo efeitos nem sempre previsíveis de sua expansão sobre a vida urbana contemporânea.

As mudanças espaciais são visíveis na verticalização permanente, na instituição de áreas «nobres», no crescimento das favelas e na valorização de zonas consideradas «históricas». A apresentação da «história da cidade» em guias turísticos, cartões-postais e roteiros para visitantes aponta a existência de narrativas explicitadas no lastro da almejada aliança ente tradição e modernidade.

¹⁵ A percepção de Fortaleza como uma cidade sem memória é encontrada em vários discursos dos gestores urbanos e intelectuais (v., por exemplo, Linda Gondim, «A construção social da memória na moderna Fortaleza», in Aguiar Odílio Alves, Batista Élcio e Pinheiro Joceny, *Olhares Contemporâneos*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 2001).

Nesse contexto, recuperar zonas *deterioradas*, entre as quais o centro, ou intervir na *revitalização* de áreas consideradas importantes integram o discurso não apenas dos gestores urbanos, mas de moradores ou entidades associativas interessadas na resistência ou controle do ritmo de mudanças. Alusões à violência ou referências à *decadência* servem de motivação na demanda de projetos governamentais, incluindo também propostas de interesses privados¹⁶.

Os investimentos urbanos, projetos e discursos que acenam com a preservação do patrimônio em Fortaleza ligam-se ao processo que pode ser nomeado de «invenção das tradições» (Hobsbawm, 1984), presente em narrativas e ícones que buscam recompor a origem e o crescimento da cidade, de forma semelhante ao que ocorre em outras metrópoles brasileiras. *A invenção de tradições cearenses* por intermédio da alegoria do «sertão na cidade», com a exposição de músicas e comidas típicas em restaurantes temáticos, a redefinição de áreas de lazer, com a procura de renovação de espaços que perderam suas funções originais, ou o tombamento de equipamentos urbanos «abandonados», constituem exemplos que fazem parte da narrativa mais recente da capital.

A remodelação de lugares tradicionais existentes no centro urbano responde, nesse momento, ao fluxo crescente de uma cidade em expansão. A transformação gradativa em metrópole, hoje quinta maior do país, ocorre reproduzindo características semelhantes a outras cidades brasileiras: crescimento súbito com grande adensamento de prédios acompanhado de rápida substituição de usos e funções do traçado urbano.

É nos moldes de uma redefinição e permuta dos espaços de moradia, comércio e lazer que emerge a idéia de recuperação de «zonas históricas». O bairro Praia de Iracema passou então a constituir um dos locais de investimento e exemplo significativo de modificações urbanas, tendo em vista a possibilidade de condensar empreendimentos turísticos. A idéia de fomentar uma articulação harmoniosa entre passado e futuro está bem explicitada no discurso do responsável pela reforma da Ponte dos Ingleses e Centro Dragão do Mar, arquiteto Fausto Nilo¹⁷:

Fortaleza é uma cidade com poucas tradições. A minha proposta é a de recuperar um pouco dos hábitos dos cidadãos e criar um contexto paisagístico que possibilite o consumo cultural e que tenha espaços

¹⁶ Dentre os projetos que se propõem a «revitalizar» o centro, o mais recente é liderado por entidades do comércio, como a Câmara dos Dirigentes Lojistas e o Sindicato dos Lojistas do Comércio de Fortaleza, além da Federação das Indústrias do Estado do Ceará — FIEC. «O projeto tem como objetivo maior a revitalização do centro da cidade com o incremento dos negócios» (jornal *O Povo*, 28-8-2003).

¹⁷ O arquiteto Fausto Nilo é responsável por um conjunto de obras importantes que se enquadram no processo de remodelação mais recente de Fortaleza, incluindo a Praça do Ferreira, situada no centro da cidade.

amplos. O Centro Dragão do Mar tenta aproveitar a luz do sol, as paredes brancas, a natureza, oferecendo também ao cidadão o consumo casual. Ele passa por determinados lugares e se sente atraído por determinados bens culturais. Fortaleza é uma cidade onde as pessoas têm poucos hábitos culturais. A idéia é então de criar uma oferta e induzir um tipo de consumo.

A procura de investimentos culturais capazes de induzirem ao consumo artístico, criando bares, cinemas, teatros e *shows*, é exemplificada no pátio que integra o Centro Dragão do Mar, situado próximo à Praia de Iracema. Transforma-se a fachada de antigos armazéns de atacado em bares; criam-se salas de cinemas e museus, compondo um espaço arquitetônico múltiplo, que pretende representar um ideal de sociabilidade a ser expandido a outras zonas, incluindo outras regiões, tal como foi idealizado no projeto inicial.

As narrativas urbanas não se separam dos investimentos turísticos, das imagens e das formas de apresentação da cidade. A noção de patrimônio, no entanto, não é auto-evidente, pois implica escolhas: a memória hegemônica em detrimento de outras, as induções arbitrárias sobre as zonas que «devem virar história». O espaço e o consumo, mais do que o tempo, podem ser fontes primordiais de um patrimônio com características típicas do que é nomeado, na literatura, de pós-modernidade.

Os rituais de instituição e preservação do patrimônio centrados em um público preferencial de classe média e turistas interessados na busca e conhecimento da cidade contradizem, como foi visto ao longo do texto, os usos emergentes de ocupação do espaço.

CONCLUSÃO

O presente artigo buscou refletir sobre os usos do espaço urbano em Fortaleza, tomando como referência as classificações e as práticas de ocupação do bairro Praia de Iracema. Muitas das questões refletidas ou apresentadas como «estudo de caso» expressam a experiência de metrópoles contemporâneas. Retirar a discussão do tema do eixo da moralidade e das atribuições negativas, percebendo o bairro em sua condição de liminaridade e disputa pelo uso do espaço, pareceu-me uma via interessante de análise.

Os conflitos simbólicos em torno do uso do espaço urbano traduzem a busca de recompor a «história» da cidade mediante uma política de preservação do patrimônio, tendo também como meta a criação de funções para o «decadente». A chamada revitalização do centro, dos antigos prédios e a redefinição de áreas de lazer respondem ao movimento que caracteriza outras metrópoles contemporâneas. É no contexto da chamada *revitalização* ou

requalificação que se estabelecem diferentes definições sobre o uso e a preservação de zonas urbanas.

Repensar a cidade sob a ótica dos espaços elevados à categoria de patrimônio supõe compreender o significado de prioridades e projeções temporais que aparecem como coletivamente construídas, embora sejam objeto permanente das contendas simbólicas. O que se preserva e o que se modifica são inseparáveis dos diversos interesses de atores sociais. Nesse sentido, movimentos mais recentes de conter o esvaziamento pelo incentivo à habitação podem resultar em práticas mais eficazes do que a denúncia restrita aos «usos indevidos».

É no contexto do processo de transformação e redefinição dos espaços que se torna possível pensar sobre os usos e representações imagéticas do bairro Praia de Iracema. As expressões performáticas designadas por *deterioração* e *requalificação* traduzem conflitos simbólicos não separados de interesses e princípios de legitimação sobre o consumo e a apropriação dos espaços urbanos. Vários são os protagonistas desses conflitos: os turistas, «os de fora» e os nativos, os comerciantes e os proprietários de galerias de arte, os boêmios, que advogam a «narrativa autêntica da cidade», contra os jovens identificados com o barulho. As diferentes categorias de prostituta em disputa com as jovens de classe média. São conflitos que trazem à tona uma morfologia de sons (violão, bandas de forró, música eletrônica), de cheiros (peixe, pizza, churrasco) e cores (o bucólico das penumbras contra as luzes cintilantes que piscam em casas de *shows* e boates).

As diferentes oposições típicas de um cenário que poderia ser denominado pós-moderno revelam-se também em personagens emblemáticas. Na criativa comparação de Bauman (1998), o turista é o perscrutador nômade dos lugares onde teoricamente experimenta a liberdade de escolha, em oposição ao vagabundo, constantemente expulso, contra a sua vontade. A prostituta e o turista parecem, na situação da Praia de Iracema, configurar a síntese indesejada. Os moradores do bairro distinguem, no entanto, o turista estrangeiro, objeto de atração de boates, do turista brasileiro, menos receptivo aos apelos do comércio do corpo. *As prostitutas pobres* e outras categorias marginais podem equiparar-se aos *vagabundos* de Bauman, por serem figurantes da paisagem incômoda.

Um bairro torna-se ícone da cidade na medida em que nele se concentram símbolos reveladores de narrativas. Os cartões-postais, as apresentações feitas para o turismo ou as obras arquitetônicas aparecem como versões da *boa imagem da cidade*. A cidade civilizada, para usar uma expressão de Norbert Elias, que define e legitima o uso de seus espaços.

Mostrar a cidade a outros, contar a sua história em passado e presente, compõe uma lógica de apresentação que se agrega a múltiplas representações instituídas. É nesse sentido que se destaca uma espécie de «identidade

múltipla da cidade». Conflitos entre zonas de pertença ou «guerra de lugares», na expressão de Antônio Arantes (2000) em pesquisa sobre a metrópole paulista.

A Praia de Iracema e seus espaços adjacentes constituem uma expressão híbrida de mistura de temporalidades, vivências e formas de investimento. A tradição recuperada é inventada na tensão entre a cidade a ser apresentada e aquela a ser vivida: os múltiplos usos, os conflitos e os sentidos atribuídos ao patrimônio e a sociabilidade.

Processos urbanos recentes designados de *requalificação* e *deterioração* expressam a redefinição das políticas de preservação do patrimônio em confronto ou consonância com as práticas de múltiplos atores sociais: moradores, comerciantes, políticos e frequentadores.

Se o movimento de recuperação e atribuição de dignidade a locais considerados históricos preside a lógica das intervenções, a perspectiva denominada *deterioração* passa a significar o outro lado da mesma moeda. *Deterioração* e *requalificação* constituem, portanto, partes de um cenário que anuncia a disputa simbólica entre definições e usos do espaço na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, BENEDICT (1983), *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a Origem e a Expansão do Nacionalismo*, Lisboa, Edições 70.
- AUGÉ, MARC (1994), *Não Lugares. Introdução a Uma Antropologia da Supermodernidade*, Campinas, Papirus.
- ARANTES, ANTONIO AUGUSTO (2000), *Paisagens Paulistanas. Transformações do Espaço Público*, Campinas, UNICAMP.
- BARREIRA, IRLYS (1992), *O Reverso das Vitrines. Conflitos Urbanos e Cultura Política*, Rio de Janeiro, Editora Rio Fundo.
- BARROS DA PONTE, SEBASTIÃO ROGÉRIO (1993), *Fortaleza belle époque. Reformas Urbanas e Controle Social — 1860-1930*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha.
- BAUMAN, ZYGMUNT (1998), *O Mal: Estar na Pós-Modernidade*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- CANCLINI, NESTOR GARCIA (1998), *Culturas Híbridas*, São Paulo, EDUSP.
- CANCLINI, NESTOR GARCIA (1998), *Consumidores e Cidadãos, Conflitos Multiculturais e Globalização*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
- CERTEAU, MICHEL DE (1994), *A Invenção do Cotidiano, Artes de Fazer*, Petrópolis, Vozes.
- COSTA, PEDRO (2000), «Centros e margens: produção e práticas culturais na Área Metropolitana de Lisboa», in *Análise Social*, revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa n.º 153, vol. XXXIV, Primavera.
- FORTUNA, CARLOS (1999), *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais*, Oeiras, Celta Editora.
- FREITAG, BÁRBARA (2003), «A revitalização dos centros históricos das cidades brasileiras», in *Salvador: Caderno CRH/UFBA*, «Cidades», n.º 38, Janeiro-Junho.
- GOHN, MARIA DA GLÓRIA (1995), *História dos Movimentos e Lutas Sociais. A Construção da Cidadania dos Brasileiros*, São Paulo, Edições Loyola.
- GONDIM, LINDA MARIA PONTES (2000), «Desenho urbano e imaginário sócio-espacial da cidade: a produção de imagens da 'moderna' Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e

- Cultura», relatório submetido à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico, Fortaleza, FUNCAP.
- GONDIM, LINDA MARIA PONTES (2001), «A construção social da memória na moderna Fortaleza», in Aguiar Odílio Alves, Batista Élcio e Pinheiro Joceny, *Olhares Contemporâneos*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha.
- GONDIM, LINDA MARIA PONTES (2001), «Imagem da cidade ou imaginário sócio-espacial? Reflexões sobre as relações entre espaço, política e cultura a propósito da Praia de Iracema», in *Revista de Ciências Sociais*, vol. 32, n.ºs 1-2.
- HARVEY, DAVID (1993), *A Condição Pós-Moderna, Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*, São Paulo, Edições Loyola.
- HOBBSBAUM, ERIC, e TERENCE, RANGER, (1984), *A Invenção das Tradições*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- LINHARES, PAULO (1992), *Cidade de Água e Sal. Por Uma Antropologia do Litoral Nordeste sem Cana e sem Açúcar*, Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha.
- PAIS, JOSÉ MACHADO (2002), *Sociologia da Vida Cotidiana*, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais.
- SCHERER-WARREN (1993), *Redes e Movimentos Sociais*, São Paulo, Edições Loyola.
- SCHRAMM, SOLANGE M. O. (2002), *O Território Livre de Iracema: Nem Só o Nome Ficou*, dissertação de mestrado, programa de pós-graduação em Sociologia da UFC, Fortaleza-CE.
- SIMMEL, GEORG (1986), *Sociologia, 2, Estudios sobre las Formas de Socializacion*, Madrid, Alianza Editorial.
- TURNER, VICTOR (1964), *The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual*, Ithaca, Cornell University Press.